



# Vocação: “estar fora de si?”

Vocation: “be out of yourself!?”

*Dom Pedro Brito Guimarães\**

Recebido em: 07/07/2023. Aceito em: 25/07/2023.

**Resumo:** O artigo faz uma reflexão teológico-bíblico-sapiencial sobre a expressão “estar fora de si”, usada pelos parentes para referir-se a Jesus (Mc 3,21), como eixo identificador da vocação cristã. Depois de analisar a vocação e a missão de Jesus como um estar continuamente fora de si, desvenda-se a categoria de beleza como realização plena do “estar fora de si”. Em seguida, reflete-se a vocação como graça de Deus, que exige um estar fora de si, para estar com Deus e com os irmãos e irmãs; adverte-se que, para estar fora de si, a vocação implica em saber dizer sim e não, conforme os desafios e exigências que apontam para a rejeição da autorreferencialidade; indica-se a necessidade de dispor-se constantemente ao conserto das redes; sugere-se que o amor vocacional, por não caber em si, está sempre fora de si, a serviço do próximo.

**Palavras-chave:** Vocação cristã; estar fora de si; graça; missão.

**Abstract:** The article makes a theological-biblical-wisdom reflection on the expression “being out of your mind”, used by relatives to refer to Jesus (Mc 3,21), as an identifying axis of the Christian vocation. After analyzing the vocation and mission of Jesus as being continually outside oneself, the category of beauty is unveiled as the full realization of “being outside oneself”. Then, vocation is reflected as the grace of God, which requires being outside oneself, to be with God and with one’s brothers and sisters; it is noted that, to be out of your mind, vocation implies knowing how to say yes and no, according to the challenges and demands that point to the rejection of self-referentiality; the need to be constantly

\* Arcebispo de Palmas, TO, desde 2010. Doutor em Teologia Dogmática (Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1992). Mestre em Teologia Dogmática (Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1988). Graduado em Teologia (Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1986). Curso Seminarístico de Filosofia (Instituto de Teologia Regional, Fortaleza, 1979). Vice-Reitor e professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, Teresina, de 1987 a 1990. Professor e Reitor de mesmo Seminário, de 1992 a 2002. Bispo da diocese de São Raimundo Nonato, PI, de 2002 a 2010. Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada, de 2011-2015. Atual é Vice-presidente da Rede Eclesial Pan-Americana. Escritor de vários livros, entre eles, o Eu também estou doente. O desejo incontido de ser escutado, Edições CNBB. E autor de vários canções religiosas.

E-mail: dompedrito@msn.com.





*available to repair fishing nets is indicated; it is suggested that vocational love, because it does not fit in with itself, is always outside itself, at the service of others.*

**Keywords:** *Christian vocation; be out of your mind; grace; mission.*

## Introdução: uma incidental confissão vocacional

Estamos, no Brasil, no Terceiro Ano Vocacional, com o tema “*Vocação: graça e missão*”, e com o lema “*Corações ardentes, pés a caminho (Lc 24,32-33)*”<sup>1</sup>. Devo confessar que passei horas, dias e meses, a fio, navegando nas asas da minha memória afetiva e agradecida, à procura de uma definição acertada e assertiva de vocação para ter como referência no desenvolvimento deste artigo. Custei muito a tomar a decisão, pois, depois de quarenta e oito anos navegando nas águas mais profundas dos mares vocacionais, muitas, boas e belas definições de vocação passaram pelos meus olhos, pelas minhas mãos, pela minha inteligência e pelo meu coração.

À primeira vista, falar de vocação como “*estar fora de si*” (Mc 3,21; Jo 10,20), talvez não seja a melhor expressão para defini-la. No entanto, assim alguns viram a vocação de Jesus. Esta expressão, portanto, faz parte do patrimônio da sabedoria bíblica. Esta expressão vai nos guiar ao longo destas páginas. Ela será tomada em seu sentido positivo, como, de resto, “*toda escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça*” (2Tm 3,16). Dita pelos familiares de Jesus, vendo o seu ardor missionário e seu amor pelos pobres e sofredores, a ponto de não ter tempo nem para comer, pensavam que Ele estava louco, fora de si ou possuído pelo demônio ((Mc 3,20; 2,1-12; Lc 5,17-26). “Fora de si” é uma expressão popular, presente em Marcos, que apreciava as falas populares. “*Descobrimos no Evangelho de Marcos as vozes do povo na rua, nos mercados, nas estradas, tabernas etc., narrando de boca em boca relatos sobre Jesus de Nazaré, em sua perspectiva, para o seu mundo*”<sup>2</sup>. “Fora de si” veicula o que pode existir de mais autêntico em uma vocação: o esquecer-se de si para amar, reverenciar e servir a Deus e aos irmãos, com um coração indiviso. “*Jesus morreu de vida. Uma vida consumada faz fecunda a*

<sup>1</sup> CNBB. *Vocação: graça e missão. Corações ardentes, pés a caminho*. Texto Base. Edições CNBB, 2022.

<sup>2</sup> LEITE, Francisco. *Ele está fora de si*. A linguagem popular do Evangelho de Marcos, Editora Recriar.



morte”<sup>3</sup>. Foi o próprio Jesus quem disse: “*Aquele que quiser salvar a sua vida a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a salvará*” (Lc 9,24). A vida foi feita para ser vivida. Somos cristãos não para parar e ficar, mas para sair e ir; não para ganhar, mas para gastar; não para perder simplesmente, mas para ganhar em sentido; não para gastar, mas para doar e doar-se. Em Marcos, Jesus está sempre em constante movimento. Ele é um verdadeiro missionário itinerante (Mc 1,9.12.14.16.21.29.32.35). O final de uma ação missionária é o começo de outra ação: “*Vamos a outros lugares [...], pois, foi para isto que eu saí*” (Mc 1,38).

Comumente, quando se fala de vocação, esta vem apresentada de uma maneira muito idealizada<sup>4</sup>, fantasiada e até romanceada, distante da vida concreta daquele que se diz vocacionado. Devemos aprender com Jesus a humanizar mais o conceito de vocação para poder, em um segundo tempo, divinizar-lo. Ser vocacionado do Reino significa, em primeiro lugar, deixar tudo, desapegar-se de si mesmo, de seus sonhos e caprichos pessoais para seguir Jesus e por ele dar, se preciso for, a sua própria vida. É neste sentido que usaremos aqui a expressão “fora de si” para falar de vocação. Não por acaso, em uma canção que compus sobre vocação, eu digo: “*Um dia como qualquer outro dia, o Senhor me criou para uma grande missão*”<sup>5</sup>. O Senhor nos chama no cotidiano de nossa vida, em meio às lutas e às fadigas da nossa existência. Do nosso “sim” dependerá a construção de um mundo novo, de “*um novo céu, de uma nova terra e de novas todas as coisas*” (Ap 21,1.5).

“Estar fora de si” é sentir-se um peregrino. Peregrinar é minha maneira de ser e de viver, a minha identidade e a minha missão. Faço a experiência de Deus, melhor dizendo, Deus faz a sua experiência em mim, nessas constantes peregrinações. Neste mundo, somos todos peregrinos e mendicantes de eternidade. Somos cidadãos do céu. Nossa pátria é o céu (Fl 3,2021). “*Somos cidadãos do infinito*”, como disse o Padre Zezinho, em uma de suas canções. E somente esta realidade que chamamos céu

<sup>3</sup> PALAORO, Adroaldo. *Reflexão feita para a sexta-feira santa*, Ciclo A, Instituto Humanitas Unisinos, em 8 mar. 2020.

<sup>4</sup> PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia*. Edições CNBB 2022. Vocação também não pode ser entendida estritamente como vocação ao sacerdócio ou à vida consagrada, mas também laicais. Os leigos também são chamados por Deus. Diz o Papa, nesta Encíclica: “*Nas circunstâncias específicas da Amazônia [...], os leigos poderão anunciar a Palavra, ensinar, as suas comunidades, celebrar alguns sacramentos*”, 89, p. 54.

<sup>5</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Por uma grande missão*. Disponível em: [https:// dompedrobrito.com.br](https://dompedrobrito.com.br).



preencherá totalmente nossa sede de felicidade e de infinito. Não por acaso disse Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI): “*O homem não pode desaparecer totalmente, porque é conhecido e amado por Deus. Se todo amor aspira a eternidade, o amor de Deus não apenas a anseia, mas a realiza e a personifica*”<sup>6</sup>. Precisamos ter um pé na estrada e o outro na eternidade; um pé na realidade e o outro no sonho, na sede, no desejo, no querer e no procurar. O discípulo de Jesus é alguém que vive porque é criado, amado e chamado por Deus para inserir na realidade do mundo os valores da eternidade. Ele mesmo foi alguém que fez a experiência de viver “fora de si” porque vivia totalmente mergulhado no mistério de Deus que tudo abraça, tudo transforma e a tudo dá sentido.

## 1 Jesus “fora de si”

Costumo declarar o meu amor à minha vocação<sup>7</sup>. A vocação, em minha vida, não é um enfeite, um acréscimo e um remendo. É a minha vida e a minha missão. Vocação é assemelhada à pérola preciosa e ao tesouro escondido, dos quais fala Jesus nas duas sábias e belas parábolas, como as encontradas em Mateus 13,44-46. Na vida de Jesus podemos destacar dois cenários, distintos, mas complementares: o cenário de Nazaré e o cenário de Cafarnaum. Nazaré é o seu ambiente vital, a sua casa de formação vocacional: aí foi encarnado, morou, viveu e se preparou ocultamente para a sua missão. Em Nazaré ele exerceu o ministério da sua vida oculta. Viveu o cotidiano de sua vida, sem ações extraordinárias. Tanto assim que, por causa disto, é cobrado (Mc 6,1-6: Lc 4,14-30). Num dado momento, Jesus deixa o cenário que lhe era habitual, Nazaré, e vai morar em Cafarnaum. Cafarnaum foi a sua casa de vocação à missão. Dali Jesus saiu para as muitas atividades missionárias. Cafarnaum se tornou a base de suas ações missionárias.

Jesus atraía sempre sobre si uma multidão sedenta e faminta de todas as fomes e de todas as sedes. Ele exercia sobre essas pessoas um fascínio muito grande. A multidão acorria a ele, a pé, de barco e por outros meios; chegavam antes, levavam seus doentes para escutá-lo, tocá-lo e serem por ele curados e perdoados. Muitas vezes Jesus foi

<sup>6</sup> RATZINGER, J. *Introduzione al cristianesimo*. Brescia: Queriniana, 2003.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Amo a minha vocação*. As minhas quarenta sedes vocacionais. Publicação independente, 2018.



cercado por esta multidão, a ponto de não ter tempo nem mesmo para comer, conforme já afirmamos.

Seus familiares, pouco habituados a tratarem de questões desta natureza, acharam que ele estava fora de si, louco ou possuído pelo demônio (Mc 3,21). Quantas vezes somos chamados de loucos!<sup>8</sup> Em certo sentido, Jesus esteve e está sempre fora de si. Fora de si não porque estava perdendo a consciência de si e da realidade que o cercava. Fora de si porque não se preocupava consigo mesmo, com seus próprios interesses e com seus problemas, mas com a vida, os interesses e os problemas dos outros. O problema não era Jesus. Eram os outros. Jesus estava frequentemente fora de si porque não procurava realizar a sua própria vontade, mas a vontade do Pai. Ele mesmo disse: “*O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra*” (Jo 4,34). Fora de si para seguir as inspirações do Espírito Santo<sup>9</sup>. Estava fora de si quando fez de si mesmo o dom de Deus: o mais perfeito, o mais puro, o mais completo. Doou a própria vida, em resgate de muitos e para e remissão dos pecados: “*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos*” (Mc 10,45).

Jesus é o homem completo, total, perfeito, transparente e transcendente. Ele rompe as barreiras, sai de si e vai além. Jesus, por estar fora de si, se deu inteiramente, “uma vez por todas: *ephapax*” (Hb 9,28), a Deus, pela humanidade. Jesus fez a oblação completa de si mesmo, diferentemente dos antigos sacrifícios de bodes, de bezeros e de touros. Ele mesmo foi o Cordeiro de Deus (Jo 1,29), imolado (Ap 13,8), santo, sem mancha, perfeito e íntegro (Hb 9,11-13). **Jesus era, de fato, provido de disponibilidade total e desprovido de apego de si mesmo. Ele não possuía o ego inflado. O apego desordenado atrofia o seguimento de Jesus e compromete a qualidade da missão.** “*Seguir Jesus é deixar de viver para o eu, é descentrar-nos, não ser mais o centro de nosso próprio projeto*”<sup>10</sup>. **É neste contexto de esvaziamento do ego inflado que introduzimos aqui o tema da cruz.**

<sup>8</sup> Interessante é esta oração vocacional incômoda e desconcertante, atribuída ao Padre Bantu Mendonça: “Ó Deus, envia-nos loucos, loucos para aceitar qualquer tipo de trabalho e para ir a qualquer lugar, sempre num sentido de vida simples, amando a paz”, citada pelo Padre Roger Araújo em “A família de Jesus não compreende sua missão”. Disponível em: <https://www.facebook.com/pe.rogeraraujo>.

<sup>9</sup> VANHOYE, Albert. *Il pane quotidiano dela parola*. Comento alle letture de Messa, ciclo I e II. Monferrato: Piemme, 1994.

<sup>10</sup> PALAORO, Adroaldo. *O seguimento de Jesus é igual ao esvaziamento do “ego”*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 2 set. 2022.



Cruz, ‘staurós’ no grego, não significa simplesmente patíbulo, instrumento de tortura imposta pelos romanos àqueles que consideravam transgressores da ordem ou subversivos; significa prontidão, estar preparado, estar de pé, mobilizado, firme, fiel até o fim... Nesse sentido, a ‘cruz-staurós’ é vida aberta, expansiva, oblativa, vida descentrada em favor dos outros; ela é vivida a partir de uma causa: o Reino. A cruz não é um “peso morto” a ser suportado; ela é consequência de uma opção radical *em favor da vida*; a cruz não significa passividade e resignação, pois ela brota de uma vida plena e transbordante; a cruz resume, concentra, radicaliza, condensa o significado de uma vida vivida na fidelidade ao Pai, que quer que todos vivam intensamente<sup>11</sup>.

A cruz é, de fato, a loucura de um amor oblativo, fecundo e fértil, que Jesus assumiu por amor, realizando a sua vocação e a sua missão até as últimas consequências. A verdadeira vocação cristã é similar a esta doação de Jesus. São Paulo denomina esta ação de Jesus de “loucura da cruz” (1Cor 1,18ss), a qual podemos chamá-la de vida sem o “ego inflado”. Seguir a Jesus é esvaziar-se do seu ego inflado de egoísmo, de interesses espúrios, de prepotência e de mania de grandeza. Quem assim vive não serve para o Reino. “*Quem não se desapega de sua própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14,26).

Jesus é também o Homem mais feliz do mundo. As bem-aventuranças são o seu autorretrato (Mt 5,3-11). Com tudo isto, ainda há pessoas que pretendem viver como se Cristo não existisse.<sup>12</sup> O centro de Jesus Cristo não era ele mesmo, mas a íntima comunhão com o Pai e a solidariedade com os irmãos, especialmente os pobres, os doentes e os sofredores de toda espécie. Jesus andava por todos os lugares, cidades, vilas e aldeias, fazendo o bem e curando a todos (At 10,38). Não tinha nem tempo para comer, porque vivia cercado por pessoas que precisavam ser atendidas (Mc 3,20); não dormia, porque passava noites inteiras em oração (Lc 6,12; Mc 1,35); não viveu mais tempo, porque doou o seu corpo e o seu sangue para o resgate de muitos. Morreu na cruz para nos salvar. Quem dá, como Jesus, o seu corpo e o seu sangue, mesmo antes de morrer, está literalmente morto. Jesus não vivia para si, mas para os outros.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>12</sup> CANTALAMESSA, Raniero. “*Etsi Christus non daretur*”, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-03/cantalamezza-segunda-pregacao-quaresma-perfeita-humanidade-jesus.html>.



## 2 Jesus, a beleza de Deus que salva o mundo

Outro modo de entender a vocação de Jesus como “estar fora de si” encontra-se na análise da beleza como entrega total. Fora de si, Jesus, no mistério da cruz, passando pelo abandono, pela dor e pelo sofrimento se tornou o mais belo de todos os homens. A categoria da “beleza” não é tão recorrente nas Sagradas Escrituras, mas as poucas passagens de que dispomos são suficientes para afirmar que Jesus é, por excelência, a Beleza de Deus. Esta Beleza de Deus perpassa toda a obra da criação, passando pela sua aliança com o povo eleito, por seu amor misericordioso e fiel, e atingindo o seu ápice na revelação do Verbo Eterno do Pai, o Filho feito carne humana, quente e mortal. Não é de pouca conta o fato de que um dos grandes teólogos do século XX, Hans Urs von Balthasar fez da categoria “beleza” o eixo de sua estética teológica, a Cristologia. O teólogo pretende mostrar a beleza de Cristo ao mundo. Para ele a beleza é a figura de Deus manifestada em Jesus Cristo<sup>13</sup>. Cristo é o revelador da beleza de Deus em plenitude, aquele que nos conduz a Deus Pai, autor de toda beleza. O caminho da beleza é o caminho mais privilegiado para se conhecer a Deus. Em Deus beleza, verdade e bondade constituem a essência do seu ser. Ele é belo porque é bom e verdadeiro. Assim podemos traduzir a parábola do Bom Pastor (Jo 10,1ss) pela parábola de Jesus Belo Pastor, porque o bom e o belo de Deus se equivalem.

Para Hans Urs von Balthasar a expressão máxima da glória e da beleza de Deus é a sua cruz. Nela, com letras de sangue, Deus escreveu, definitivamente, sua confissão de amor pelo homem, sua criatura. Cristo não apenas revela a beleza de Deus, mas manifesta a glória do Pai. A glória de Deus se irradia no agir de Jesus, no seu estar fora de si, a começar pela encarnação e culminando na sua entrega suprema na hora da cruz. No rosto do crucificado resplandece a beleza no seu grau máximo. Neste sentido, o salmista pode cantar: *“Tu és o mais belo entre os filhos dos homens e a graça espalhou-se em teus lábios”* (Sl 44,3). A beleza cantada pelo salmista se realizou plenamente na face ensanguentada do homem Jesus de Nazaré, o Verbo encarnado, morto e ressuscitado. O profeta Isaías, à primeira vista, parece desmentir o salmista, quando diz: *“cresceu diante dele como um pobre rebento enraizado numa terra árida; não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos”* (Is 53,2). Na verdade, o profeta não desmente

<sup>13</sup> LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (ed.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 107-108.



o salmista, mas afirma que Jesus, no mistério da cruz, passando pelo “abandono”, pela dor e pelo sofrimento se tornou o mais belo de todos os homens. Em outra passagem, Isaías diz que são belos os pés dos mensageiros que anunciam o evangelho (Is 52,7). Esta é a beleza de Deus, a beleza de um amor que se dá até calar. Como disse o Papa Bento XVI, ao se referir ao mistério da cruz: “*O Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque se ‘disse’ até calar, nada retendo do que devia comunicar [...]. Aqui verdadeiramente comunica-se a nós o amor ‘maior’, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (Jo 15,13)*”.<sup>14</sup> O Senhor deu para nós sua graça e sua beleza no sofrimento e nós devemos carregá-las sempre conosco, pois o Espírito Santo nos dá a graça e a beleza de Jesus.

Podemos e devemos afirmar que tem vocação quem carrega em seu ser e em seu coração a beleza e a graça (charme) de Jesus, quem se põe fora de si para carregar a cruz com Jesus. Beleza que, por amor de Deus e das pessoas, se entrega até o extremo, nada retendo para si. Neste sentido, beleza tem somente quem aposta tudo no amor, na verdade e no bem. Não existe beleza para aqueles que se enveredam pelo caminho do mal e da perdição. Não pode haver salvação sem a manifestação do belo, que é o Filho do Homem, a beleza encarnada de Deus. Conhecida é a afirmação de Fiódor Dostoiévski, segundo o qual “*a beleza salvará o mundo*”<sup>15</sup>. A cruz de Jesus serve também para manifestar qual é a beleza que salvará o mundo. A cruz de Jesus é, de fato, esta beleza que salvará o mundo. O nosso tempo, mais do que em outras épocas, está precisando de pessoas com esta beleza, pois, a terra está envolta em densas nuvens e em camadas de poluição, de envenenamento e de doença, de violência, ódio e morte. O mundo está precisando urgentemente da bondade e da beleza do Filho de Deus.

Portanto, beleza é vida saudável e salvífica. Beleza, neste sentido, não tem a ver somente com estética. Beleza, na sua origem, tem a ver com Deus: *Bet-El-Za* quer dizer: “*o lugar onde Deus brilha*”. Onde Deus mais brilha? Em Jesus Cristo. Jesus é o Esplendor da Glória divina (Hb 1,3). É o primogênito de toda criatura (Cl 1,15), pois, nele habita, corporalmente,

<sup>14</sup> BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 12.

<sup>15</sup> Esta frase de Fiódor Dostoiévski, do livro, *O Idiota*, citado por BOFF, Leonardo: “*A beleza salvará o mundo*”. Dostoiévski nos ensina como. 27 abr. 2014. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2014/04/27/a-beleza-salvara-o-mundo-dostoiévski-nos-ensina-como>. Segundo ele “ser cristão é ser filocalico: é ser buscador e construtor do belo que é reflexo do belo, Deus”. Cf. também *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2011.





toda a plenitude da divindade (Cl 2,9). Então, qual é o homem mais belo do mundo? – O homem mais belo do mundo é Jesus Crucificado. Ele é o Salvador do mundo. Ele salvou o mundo com a beleza de sua morte na cruz. Por suas chagas fomos curados (1Pd 2,24). São Francisco dizia que via no belo das criaturas o Belíssimo. A finalidade da vocação e da vida cristã é recuperar a beleza de Deus, que salva. É por isto que o Papa Francisco orienta que sigamos a via da beleza (*via pulchritudinis*) para a catequese e outros meios de evangelização: “*não amamos senão o belo, Jesus, o Filho feito Homem*”<sup>16</sup>.

A vocação humana é a Beleza de Deus escrita e estampada na face da humanidade. E é esta a imagem e semelhança de Deus que trazemos e a revelamos ao mundo. Jesus Cristo, o nosso Guia, nosso Mestre e Senhor, vocacionado do Pai por excelência, “trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado”<sup>17</sup>. Tudo isto porque “a perfeita humanidade de Jesus Cristo o faz o homem mais belo entre os filhos do homem”<sup>18</sup>. Em seu estar fora de si, Jesus é o homem verdadeiro, que espelha e encarna a beleza da divindade.

### 3 Toda vocação é graça divina!

“É verdade que a palavra “vocação” pode ser entendida em sentido amplo, como o de Deus. Inclui o chamado à vida, o chamado à amizade

<sup>16</sup> Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual ver: PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 167. PINHO, Sérgio Miguel Tavares de. “*Que beleza salvará o mundo?*” Leitura Teológica da pergunta de Dostoiewski, Tese (Doutorado em Teologia). Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2013. O autor, nesta sua Tese, cita, além de DOSTOIEWSKI, Fiódor. O Idiota. Lisboa: Editorial Presença, 2001; BALTHASAR, Hans Urs von. Gloria – La percepción de la forma. Madrid: Ediciones Encuentro, 1985; MARTINI, Cardeal Carlo Maria. Que Beleza salvará o Mundo? Lisboa: Paulinas, 1999; FORTE, Dom Bruno. En el umbral de la belleza. Por una estética teológica. Valencia: Edicep C.B, 2004. Veja ainda: BRITO, Pedro Guimarães. Eu também estou doente. O desejo inconfesso de ser escutado. Brasília: Edições CNBB, 2022, p. 114-115.

<sup>17</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Carta Pastoral “O homem com o cântaro de água”*, Palmas, TO, 2021, p. 19-20, citando a *Gaudium et Spes*, n. 22. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br>

<sup>18</sup> CANTALAMESSA, Raniero. *A humanidade de Jesus, o mais belo entre os filhos do homem*. 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-03/cantalamezza-segunda-pregacao-quaresma-perfeita-humanidade-jesus.html>.



com ele, o chamado à santidade etc”<sup>19</sup>. Alguns anos atrás, num Cartaz Vocacional, li esta frase que nunca mais saiu do meu pensamento e do meu coração: “Toda vocação é graça sua!”<sup>20</sup> É sinal de que é uma verdade revelada, não perde, com o tempo, a sua validade e a sua vitalidade. Esta afirmação pode ser entendida, simultaneamente, de dois modos:

Primeiro, toda vocação é graça e missão divinas. Deus, o Pai, é a fonte da vocação. Todas as pessoas são criadas e chamadas pelo Pai, como filhas e filhos amados. No momento da nossa concepção, dá-se início o nosso chamado e a nossa missão. É que somos criados com todas as potencialidades vocacionais. Jesus nos faz ouvir, entender e decodificar e externizar este chamado do Pai. E o Espírito Santo interioriza, nas mentes e nos corações, este chamado do Pai, por meio do Filho. Em outras palavras: o Pai é o Criador; o Filho, o Recriador; e o Espírito, o Transcriador de todas as vocações. As três Pessoas da Santíssima Trindade nos fazem escutar o que ouviu Jeremias: “*antes que te formasses no seio de tua mãe, eu te conheci, antes de saíres do ventre, eu te consagrei e te fiz profeta para as nações*” (Jer 1,5-7).

Caminhando junto ao mar da Galileia, Ele fixou o seu olhar em Pedro, André, Tiago e João. Chamou-os e os transformou em pescadores de homens (Mc 1,16-20). “Pescador de homens” foi a missão que Jesus confiou aos seus discípulos. Cada discípulo de Jesus é chamado a “*pescar homens*”, ou seja, libertar as pessoas dos domínios e das forças monstruosas que moram nos mares da vida. Jesus é o Filho de Deus em busca dos vocacionados do Pai. O protótipo de toda vocação pode ser o chamado de Mateus: olhando-o Jesus o amou e lhe disse: “*Segue-me*” (Mt 9,9)<sup>21</sup>! Outra cena vocacional, importante para a animação vocacional da Igreja no Brasil é a parábola dos discípulos de Emaús. Os seus corações ardentes e os seus pés a caminho descrevem, com linhas garrafais, a dinâmica do chamado, da animação e do cultivo das vocações<sup>22</sup>.

Em segundo lugar, toda vocação é fruto de nossa missão. O tema do Terceiro Ano Vocacional da Igreja no Brasil, revela bem esta questão.

<sup>19</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Brasília: Edições CNBB, 2019. n. 248, p. 107.

<sup>20</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Vocação Existe!* 19 fev. 2019. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br>.

<sup>21</sup> Tirado deste texto é lema episcopal do Papa Francisco: *Miserando atque eligendo* (olhou para ele com misericórdia e o escolheu).

<sup>22</sup> CNBB. *Vocação: graça e missão. Corações ardentes, pés a caminho* (Lc 24,32-33). Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.



Vocação: graça e missão. A vocação é uma graça para uma missão. Não existe vocação sem missão e nem missão sem vocação. Uma depende da outra. Uma está incluída na outra. Pelo nosso testemunho e pelo nosso trabalho, o Pai chama a muitos para si e para os serviços do seu Reino e da sua Igreja. Deus não chama ninguém por outros meios, por outras vozes, por outras graças e para outras missões. Somos criados para amar, reverenciar e servir a Deus e para os serviços que a Igreja realiza no mundo. Somos chamados por Deus e para Deus, por meio de sua Igreja, para a sua missão. Na vocação, tudo é de Deus e vem de Deus. Depois de Deus, na vocação, tudo vem da Igreja. As Pontifícias Obras Missionárias (POM) popularizaram esta visão de missão nas suas Campanhas Missionárias: a vida é missão (2020), Jesus Cristo é missão (2021) e a Igreja é missão (2022).

Na vocação sempre há “o mais” e “o menos”. Em questão vocacional, Deus é sempre mais e nós somos sempre menos. Sempre mais Deus e sempre menos nós; sempre mais Igreja e sempre menos eu; sempre mais amor e sempre menos temor; sempre mais fé e sempre menos descrença; sempre mais esperança e sempre menos desespero; sempre mais santidade e sempre menos infidelidade; sempre mais vida e sempre menos morte; sempre mais proatividade e sempre menos reatividade; sempre mais transcendência e sempre menos imanência; sempre mais diálogo e sempre menos monólogo; sempre mais luzes e sempre menos trevas; sempre mais silêncio e sempre menos barulho; sempre mais ouvir e sempre menos falar; sempre mais espírito e sempre menos carne; sempre mais oração e sempre menos transpiração; sempre mais encontro e sempre menos autorreferencialidade; sempre mais graça e sempre mais missão. O primado é de Deus e da sua graça vitoriosa. Sendo alguém fora de si, o vocacionado enche-se somente de Deus e do seu Espírito para realizar no mundo o projeto do amor do Pai, revelado no seu Filho Jesus. Portanto, digamos com o nosso pai na fé, o Papa Francisco:

*nenhuma vocação nasce para si, nem vive para si. A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno [...] Disponhamos, pois, o nosso coração para que seja ‘boa terra’, a fim de ouvir, acolher e viver a Palavra e, assim, dar frutos<sup>23</sup>.*

<sup>23</sup> FRANCISCO. Mensagem para o 51 Dia Mundial de Oração pelas Vocações. 11/05/2014. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco\\_20140115\\_51-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20140115_51-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html). >



Por fim, meu maior e mais sincero desejo é que todos possam meditar, rezar, discernir, viver e, enfim, dizer: “toda vocação é graça sua!”<sup>24</sup> Porque é graça que vem de Deus, toda vocação é um estar fora de si, para estar com Deus e com os irmãos e irmãs.

#### 4 Vocação: saber dizer “sim” e saber dizer “não”

Jesus nos deixou este critério para o discernimento: “*discernimento é esforço para reconhecer a própria vocação*”<sup>25</sup>. O que deve ser sim será sempre sim e o que deve ser não será sempre não. O que passa disso vem do Maligno (Mt 5,37). O vocacionado que se fez discípulo de Cristo e missionário do Reino, é uma pessoa madura, equilibrada, sensata, que sabe discernir entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre as coisas de Deus e as coisas do mundo. Na vida cotidiana temos sempre que escolher entre a vida e a morte, o bem e o mal, a bênção e a maldição (Dt 30,15.19). Nas palavras do Papa Francisco:

*O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração [...] falta-lhe força e paixão. É uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém*<sup>26</sup>.

Não raramente encontramos pessoas, que se dizem vocacionadas, em cujos corações o ardor pelas coisas de Deus está enfraquecido. Pessoas com um coração gélido, lentos para amar e para sofrer por amor de Jesus e de sua Igreja. Dificilmente essas pessoas convencerão alguém a se fazer vocacionado pelo seu testemunho de vida e pela sua arte de amar.

O vocacionado do Reino é capaz de dizer “sim” a uma Igreja vocacional, sinodal, em saída, fora de si e a não buscar a sua autorreferencialidade, a sua complacência burguesa, as compensações afetivas e as glórias humanas. O apego desordenado a regras, a normas, à doutrina e à disciplina, termina por sufocar a ação do Espírito. Portanto, é preciso que o vocacionado diga sim a uma Igreja em saída e não ao seu projeto

<sup>24</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Toda vocação é graça sua*, 27 abr. 2019. Disponível em: <https://www.dompedrobrito.com.br> e [cnbb.org.br](http://cnbb.org.br).

<sup>25</sup> FRANCISCO, *Christus Vivit*, n. 119-120ss.

<sup>26</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 266.



pessoal de vida, à sua autorreferencialidade. Vejamos melhor estes dois aspectos:

- a) Sim à Igreja vocacional, sinodal, em saída. Esta é uma expressão, brotada do coração do Papa Francisco, repetida, quase à exaustão, desde quando ele ainda estava em Buenos Aires, que se tornou uma frase lapidar no seu pontificado. Com suas palavras: “*prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças*”.<sup>27</sup> A Igreja em saída é, de fato, uma Igreja de portas abertas e com os pés na missão. Nada mais nocivo ao dinamismo vocacional do que o sedentarismo missionário. Segundo o Papa Francisco, a vida é a arte do encontro. A vida adoce quando se desvia desta rota. “A lógica dos blocos fechados é estéril e repleta de equívocos. Precisamos de uma nova beleza, que não seja mais o reflexo sempre igual do poder de alguns, mas o mosaico corajoso da diversidade de todos”<sup>28</sup>.
- b) Não à autorreferencialidade que é oposta ao estar fora de si. Uma vocação reclusa si só serve para alimentar ainda mais a tendência à autorreferencialidade. Uma Igreja centrada em si mesma só serve para quem tem tendência a uma Igreja enclausurada nos seus afazeres, numa atividade missionária que muitas vezes perdeu o ardor vindo do Espírito Santo e a alegria do amor gratuito. E, infelizmente, existem pessoas na Igreja com estas tendências.

Falando com os jovens, o Papa Francisco, se posicionou contra a doença do espelho que leva a cair no narcisismo de contemplar a si mesmo e, portanto, ignorar os outros. E fez um apelo a romper a dinâmica destrutiva, chamada de doença do espelho:

*A cultura em que vivemos é muito egoísta, tem uma dose muito grande de narcisismo. O narcisismo produz tristeza, porque significa maquiagem a alma todos os dias. É a doença do espelho. **Quebrem os espelhos, jovens. O espelho engana. Olhem para fora, para os demais, fujam dessa***

<sup>27</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 49.46.20.23.24.49.

<sup>28</sup> FRANCISCO. *Mensagem na inauguração da Sala de Exposição da Biblioteca Apostólica Vaticana*. 5 nov. 2001. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/november/documents/20211105-nuovasala-bibliotecaapostolica.html>.



*cultura que vivemos, que é consumista e narcisista. E se quiserem olhar para o espelho, olhem para rir de si mesmos. Saber rir de si mesmo, isso nos dá alegria”<sup>29</sup>.*

E advertiu: *“um jovem que fica só em si mesmo, que vive apenas para si, acaba ‘com indigestão’ de autorreferencialidade. Ou seja, cheio de autorreferencialidade<sup>30</sup>.*

Abrir, olhar, sair, andar, quebrar, caminhar e ir são os verbos que mais combinam com o verbo “chamar”, do qual deriva a palavra vocação. Estes verbos de movimento são os verbos da nossa vocação e da nossa missão. Vocação é saída, é abertura, é deslocamento e decolagem dos pés, das mentes e dos corações ao mundo, aos outros, ao amor, à verdade, à justiça e à fraternidade, não para sermos mundanos, mas para sermos cristãos. Em cada vocacionado, a partir do batismo, Jesus realiza o seu éfata (Mc 7,34) vocacional, benigno, curativo e salutar. Cada vocação e cada vocacionado ouve, no recôndito do seu coração, Jesus dizer: *“Coragem, levanta-te! Ele te chama”* (Mc 10,49); *Talità cum”* (Mc 5,41); *“Lázaro, vem para fora”* (Jo 11,43).

Vale a pena recordar aqui, mesmo se de forma telegráfica, a alegoria que São Paulo usa para falar das duas alianças de Deus com o seu povo, as duas mulheres de Abraão: Sara e Agar (Gl 4,4,21-31). Como sabemos, Sara era a legítima esposa de Abraão. Mas ficou estéril e envelheceu. Nada contra as estéreis e nem contra as idosas. Enquanto Agar era a amante, jovem e fértil. Os dois filhos de Abraão nasceram em tempo, em circunstâncias e em missões diferentes e especiais. Ismael, filho de Agar, nasceu primeiro. Isaac, filho de Sara, nasceu por último. O primeiro era filho da carne e da escrava, enquanto que o segundo era o filho do Espírito e da promessa (Gl 4,23.28). A promessa só se realizou posteriormente. Por quê? E quando? Quando Abraão olhou para o céu e contemplou as estrelas (Gn 12,1-8;26,4)<sup>31</sup>. Contemplar é habitar em um Templo onde habita Deus. Em outras palavras, quando Abraão rezou. A oração vocacional, instituída por Jesus (Lc 10,2; Mt 9,37-39) e por ele recomendada, tem um valor inestimável. Não rezamos pelas vocações

<sup>29</sup> FRANCISCO. *Mensagem aos Membros da Comunidade Católica Shalom*. 4 set. 2017. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-aos-jovens-evitem-a-doenca-do-espelho-e-saiam-a-alegria-de-deus-70339>.

<sup>30</sup> FRANCISCO, *Idem*.

<sup>31</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito, *Amo minha vocação*, 110-112.



porque Deus se esquece de chamar ou é indiferente à nossa situação, mas para nos lembrar e nos comprometer com as vocações.

A alegoria de Sara e de Agar é usada por Paulo para comparar as duas alianças de Deus com o seu povo. A primeira aliança é comparada a Agar e a segunda é comparada a Sara. Bem ou mal comparadas, em relação à animação, à promoção e à cultura vocacional, em alguns ambientes eclesiais é muito similar. Que projeto vocacional é este? Quem é seu artífice? Quem está fazendo este papel? E a quem ele interessa? Esta parábola ainda é pouco considerada na Pastoral Vocacional e no Serviço de Animação Vocacional. Uma pergunta, pelo menos, merece ser feita: quem na Igreja está fazendo o papel de Sara ou de Agar? As nossas Igrejas e as vocações são mais filhos de Sara ou de Agar?

A promoção e o cultivo das vocações implicam que o trabalho neste campo não seja autorreferencial, egocêntrico e individualista; mas tenha uma alma verdadeiramente eclesial. Segundo Jesus, há três elementos basilares do discipulado para a saída honrosa desta autorreferencialidade. São eles:

Primeiro, *estar com Jesus*, ser seu companheiro, seu aprendiz. Parece até jogo de pronomes possessivos. O que se quer dizer é que para estar com Jesus, é preciso sentar-se aos seus pés e aprender dele. E para aprender dele é preciso estar com ele, aprender dele e com ele. A vocação é um ato de aliança. Quem é chamado por Deus sela uma aliança com ele e ele com a pessoa chamada. Esta é a graça da vocação. Sem aliança não se vive e nem se realiza bem a vocação e a missão de estar fora de si.

Segundo, *Jesus chamou os que ele quis*. Só pode ser seu discípulo aquele ou aquela que ele escolhe e chama. Ninguém, por conta própria, pode atribuir-se a si mesmo o chamado de Deus. Quando Deus chama uma pessoa, esta passa a ser propriedade de Deus. Deus tem a posse desta pessoa (Gn 1,3-10). Ser chamado por Jesus significa que Jesus tem posse desta pessoa. Que é convidada a estar fora de si, para ser de Deus.

E terceiro, *para ser enviado em missão*. Este ser enviado inclui a missão de curar os doentes e expulsar os demônios, pisar em serpentes e beber venenos (Mc 16,16-18). No resumo que Jesus faz da missão estão presentes todos estes fatores e estes desafios. A missão cura, liberta e salva. Jesus não idealizou a missão. Disse que esta comporta o lidar com as doenças, os demônios, as serpentes e os venenos (Mc 16,17-18). A missão navega entre os barcos da dor e da



esperança. E a sua finalidade é levar as pessoas a embarcar no barco da esperança. As condições para irmos ao mundo inteiro implicam em estar fora de si e nos depararmos com estes desafios e vencê-los com a força do Ressuscitado. Não devemos pensar que Jesus não nos queria na missão. Ao contrário, ele nos quer na missão, não de maneira idealizada e romantizada. Missão não é romance. A missão inclui também presença permanente, perseverança, fidelidade a toda prova. Ele mesmo prometeu a sua assistência (Mt 28,20). Como diz o Papa Francisco: “*uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ele*”<sup>32</sup>. A companhia de Jesus é a certeza de que venceremos todos os males e isto nos basta.

## 5 Nossas redes se romperam: vamos ao concerto<sup>33</sup>?

Sair de si e estar fora de si é condição para dispor-se continuamente a consertar as redes. Hoje em dia, mais do que antes, para evangelizar temos que ter uma ideia, uma imagem e um sentimento. Por isto é que Jesus é o primeiro, o maior e o melhor evangelizador. Os seus Evangelhos narram muitas cenas épicas, poeticamente bonitas, humanamente curiosas e teologicamente eficazes, que sempre nos deixam com água na boca e nos olhos. E nos inspiram a estar fora de si.

Certa feita, Jesus passando pelo mar da Galileia, viu Pedro e André que lançavam as redes, João e Tiago que lavavam e consertavam as redes (Mc 1,14-20; Mt 4,18-22). Foi em uma cena como esta, que Jesus disse a Pedro: “*vai mais para o fundo e lança tuas redes para a pesca*” (Lc 5,4).

Jesus é quase um homem aquático. Ele tinha o cordão umbilical ligado à água: foi gerado na “caixa d’água”, o ventre de Maria (Lc 16-38); foi batizado no rio Jordão (Mt 3,13-17); bebeu da água do poço de Jacó (Jo 4,7); navegou muitas vezes pelo mar da Galileia, mar abaixo, mar arriba (Mc 6,45); fez do mar e do barco a sua cátedra (Mc 4,1-2; Lc 5,1-3); ordenou que o mar se acalmasse e este lhe obedeceu (Mc 4,39); mandou que os discípulos seguissem o homem com o cântaro de água

<sup>32</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, 2013, n. 183.

<sup>33</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *Nossas redes se romperam: vamos ao concerto?* 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.dompedrbrito.co.b.r> e em [cnbb.org.br](http://cnbb.org.br).





(Mc 14,13)34; na ceia lavou, com esta água, os pés dos discípulos (Jo 12,1-17); na cruz, do seu peito jorraram água e sangue (Jo 19,34); sentiu sede e pediu água para beber (Jo 19,28) e deram-lhe vinagre, um vinho de péssima qualidade, que ainda não chegou a ser vinho; na ressurreição comandou a pesca milagrosa e serviu o desjejum aos discípulos (Jo 21,1-13). E disse que, do seio de quem nele crer, jorrariam rios de água viva (Jo 7,37-39). Talvez por causa de tudo isto, ele caminhando pelo mar da Galileia (Mt 4,18ss), escolheu os primeiros apóstolos entre os pescadores de peixes e os transformou em pescadores de homens.

As duas cenas das redes, acima referidas, são cenas do passado ou da atualidade? São do livro escrito ou do livro da vida? Dos dois. O certo é que se tratam de três atos contínuos: lançar, lavar e consertar as redes. Ao lançar as redes a quantidade de peixes foi tão grande que as redes se romperam. Foi preciso então que João e André consertassem tais redes. Assim começa a história vocacional e missionária de Pedro, André, Tiago, João, e também a nossa e a de todo vocacionado.

A pandemia da Covid-19 foi uma pedra de tropeço em nossas vidas. Desconsertou o mundo. Matou muitas pessoas, enterrou muitos sonhos, sujou, rompeu e rasgou muitas das nossas redes. Deixou muitos buracos e muitos fios soltos. Lavou muitas mãos, com água e álcool em gel, e muitos rostos com lágrimas. Redes rompidas não seguram peixes. Os peixes são sabidos e inteligentes, à sua maneira. Eles sabem se defender e escapar das nossas armadilhas. E escapam pelos buracos, pelas fendas e frestas das redes rompidas. E, com isto, rompem as redes.

Em chave vocacional, salvaguardando algumas exceções, literalmente as nossas redes estão quase todas rompidas. É preciso ir ao conserto. Vamos dar uma olhada em nossas redes com as quais costumamos pescar, antes, durante e no pós-pandemia, e descobrir se elas estão ou não precisando de consertos. E se, no discernimento, descobirmos que elas se romperam, é a hora de puxá-las, lavá-las, enrolá-las e levá-las à oficina para o conserto. Temos ainda que saber com quais linhas, com quais agulhas e com quais outros instrumentos faremos este conserto. Pense em sua paróquia e ou em sua comunidade de fé como uma rede lançada ao mar que se rompeu com a pandemia, e que, por causa disto, está agora precisando de conserto.

<sup>34</sup> GUIMARÃES, Pedro Brito. *O Homem com o Cântaro de Água*. Disponível em: <https://dompedrobrito@com.br> e em [arquidiocesedepalmas.org.br](http://arquidiocesedepalmas.org.br).



Hoje talvez tenha mais pontos soltos e mais furos do que aparentemente imaginamos. E vamos ao conserto. O que está faltando para consertar as nossas redes? Coragem? Discernimento? Audácia? Ousadia? Criatividade? Oração? O que mais? Emendar os fios, um a um, é um trabalho manual, mental e técnico, exigente, cansativo, dispendioso e custoso. Mas a arte de pescar e a de evangelizar são semelhantes. Evangeliza-se bem como se pesca bem.

Vamos admitir que a nossa Igreja está como uma rede rasgada depois da pesca. Se na pesca, as redes se romperam, vamos ao conserto. Precisamos tirar os peixes, mas também os entulhos, as sujeiras e consertar os buracos. Quais redes devemos consertar? Quais fios se desataram ou se romperam? E o que podemos fazer? Sabemos quais foram os peixes que rasgaram as nossas redes? E quais os que escapuliram? Peixes pequenos ou grandes? Comuns ou especiais? Fortes ou fracos? Mansos ou bravos?

O sofrer nos ensina a amar. Quem passou pela vida e não sofreu, não viveu, vegetou. A Igreja está no mundo, mas o mundo também está na Igreja. Os dois estão juntos, no mesmo mar e no mesmo barco, pescando juntos, sofrendo juntos e juntos se salvando e salvando vidas.

## 6 Vocação, por amor, somente por amor!

“*Por ser exato, o amor não cabe em si. Por ser encantado, o amor revela-se. Por ser amor, invade e fim*”<sup>35</sup> Finalmente! É assim que considera o amor vocacional: exato, encantado, que não cabe em si, invade e fim. Por não caber em si, está sempre fora de si, a serviço do próximo. Gosto muito da sabedoria bíblica. Ela é antiga e nova ao mesmo tempo. Bela e sábia igualmente. Uma dessas pérolas que sempre me encantam é a narrativa da vida de Ana, esposa de Elcana. Ela é a “*mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta*”<sup>36</sup>, como diz o poeta. Elcana tinha duas mulheres, Ana, a esposa legítima, e Fenena, a amante (1Sm 1,2). Neste jogo traiçoeiro do amor humano, Ana sofreu horrores, derramou lágrimas e rezou muito. Embora fosse até bem cuidada por Elcana, era humilhada por Fenena porque não conseguia ter filho. E foi discriminada até por Eli, sacerdote do santuário de Silo, que

<sup>35</sup> DJAVAN. *Pétala*. 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djavan/11338>.

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Milton. *Maria, Maria*. 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/significado-da-musica-maria-maria>.



a confundiu com uma embriagada, quando, na verdade, estava rezando, pedindo a Deus a graça da maternidade (1Sm 1,14-15). Quando obteve a graça de ser mãe de Samuel, logo que a criança foi desmamada, Ana foi novamente ao santuário pagar a sua promessa e ofereceu Samuel a Deus (1Sm 1,28). A vocação é a maternidade da Igreja. Como Maria gerou o Filho de Deus feito homem, a Igreja gera filhos e filhas para Deus e para o mundo. Sara, Ana, Maria e tantas outras não geram filhos para si, mas para Deus.

Comumente as mães são muito possessivas. São, por natureza, superprotetoras. Ai de quem tocar nos seus filhos. Amor de pai é para fora, para a rua, para o mundo; amor de mãe é para dentro, para seus braços, para seu colo e não para fora. As mães querem os filhos para si mesmas ou para seus projetos pessoais. Ana tinha tudo para possuir Samuel desta forma. No entanto, abriu mão dele e o ofertou a Deus. O final desta história todos o conhecem. O cântico de Ana inspirou Maria a compor o seu Magnificat. E Samuel se tornou um grande profeta. Exerceu o seu ministério com maestria, ungiu reis e converteu até o rei Davi. Tudo por amor.

Voltando ao assunto, o amor é e está na base de tudo na vida, sobremaneira da vocação. O amor, tudo encerra. Nascemos por amor e morremos no amor. O nosso túmulo é como o ventre que nos gerou. No ventre de nossa mãe e no túmulo, somos formados, reformados e performados no amor, com amor e para o amor em corpos incorruptíveis (1Cor 15,51-57). Em ambos os espaços vitais as mãos de Deus, quais mãos de oleiros, de garimpeiros ou de quaisquer outros artesãos, nos tecem e nos transformam em amor. Sem amor, portanto, não pode existir vocação. Toda vocação é por amor e para o amor. A maior e a melhor vocação é amar e ser amado. São João da Cruz dizia: “Amar é tudo dar e dar-se a si mesmo”. O mesmo pode-se dizer com relação à vocação. Vocação é o amor de Deus derramado em nós e para nós.

## Conclusão

No final da cena, na qual Jesus é acusado de estar fora de si, há uma afirmação, com a qual se conclui este escrito: *“E olhando em redor para os que estavam sentados junto dele, disse: “eis minha mãe e meu irmãos! Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”* (Mc 3,34-35). Essas pessoas se constituem em sua nova família. Não somente quem é parente consanguíneo, mas quem o escuta,



de bom grado, e faz a vontade de Deus. Como seguidores de Cristo que somos, esta é mediação e este é o caminho para entrarmos nesta nova família vocacional de Jesus.

À guisa de conclusão, mencionam os três pilares das estações vocacionais:

Primeiro pilar: *sair de si*. A condição primigênia, *sine qua non*, para a compreensão do conceito de vocação é “sair de si”. Esta foi a condição imposta a Abraão, nosso pai na fé, para que ele respondesse, com fidelidade, ao chamado de Deus. Tudo começou em Ur, na Caldeia. Àquele velhinho, já na sua condição de emeritudo, o Senhor disse: “*sai da tua terra e vai...*” (Gn 12,1-5). E ele saiu sem titubear. A vida é uma viagem, uma travessia. Na ponte desta travessia se deixa algo para trás e se assume algo novo na nova margem. Esta é a condição também de Jesus. Também Ele, o vocacionado do Pai, sempre estava “fora de si”. Sair é desapegar-se efetiva e afetivamente. Encastelado, centrado em si mesmo, não se responde de modo digno à vocação. Esta é também a condição de Maria na anunciação. Ela foi capaz de sair de si e abrir espaço em seu coração para acolher o projeto que Deus tinha para ela.

Segundo pilar: *para estar com o Senhor*. Outra condição indispensável para uma autêntica vocação é estar com o Senhor. Vocação é paixão, é encantamento. Sem paixão e sem encantamento não se progride e nem se persevera na vocação. Estar com Jesus é ir com ele ao Jordão para o batismo; é ir ao deserto para, na força do Espírito, vencer as tentações; é subir o monte da transfiguração, ao monte calvário e ao martírio para a doação. Vocação é ser também Maria-Marta-Lázaro, amigos de Jesus; é subir à árvore para ver Jesus, como Zaqueu; é ir buscar água, ao meio dia, como a samaritana à beira do poço de Jacó. Esta foi também a condição de Maria, na sua viagem missionária à casa de Isabel.

E terceiro pilar: *voltado todo para a missão*. Não basta ir à missão. É preciso, antes, ser missão. Ser missão é trilhar o caminho de Jerusalém a Jericó, no cuidado de quem caiu nas estradas da vida e foi violentado em sua dignidade; é tocar nas lepras da humanidade, sem medo de ser infectado; é perder tempo com os que gritam por acolhida, cura, perdão e inclusão; é sentar-se à mesa com os pecadores; é promover a vida plena e, por fim, dizer: “Lázaro, vem para fora!” Esta foi a condição de Paulo. No dia da sua conversão, o Senhor disse a Ananias: “*vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios,*



e dos reis, e dos filhos de Israel, o Senhor precisa dele” (At 9,15). É esta também a condição de Maria na fuga para o Egito.

Os antigos sábios diziam: “*Totus introito* (entrar com todo o ser) – *Solus manebo* (ficar em silêncio do ser) – *Alius egrediar* (diante das escolhas da vida). Por fim, a nossa vocação deveria ser vivida como uma sinfonia, em cinco atos: *Evangelli Gaudium*<sup>37</sup> (alegria), *Laudato Si*<sup>38</sup> (louvação ecológica), *Querida Amazônia*<sup>39</sup> (amor e afetividade), *Fratelli Tutti* (fraternidade e amizade social) e *Gaudete et Exsultate* (santidade)<sup>40</sup>.

Do muito ou do pouco aqui expresso sobre “vocação como estar fora de si”, chega-se ao que vale para o resto da vida: o discernimento. Discernir é uma graça, é uma vocação e uma missão. Discernir é ser o porteiro do próprio coração. O vocacionado é um sondado, de dentro para fora e de fora para dentro<sup>41</sup>, a exemplo do salmista: “*Senhor, tu me sondas e me conheces...*” (Sl 139,1). Portanto, este é o meu conceito incidental de vocação. Vocação é nada mais, nada menos do que estar com e como Jesus: “fora de si”. Não significa enlouquecer, mas algo muito parecido. São Francisco, e, junto dele, podem ser incluídos muitos outros santos e santas, foi considerado louco. Quem vive centrado no seu pedestal não consegue viver a sua vocação. Somente quem vive descentrado e desfocado de si mesmo pode centrar sua vida em Jesus Cristo. Um exemplo disto é o apóstolo Paulo, que chega a dizer que não vive mais para si, mas seu viver é Cristo (Fl 1,21). Há entre Jesus e Paulo uma identificação de vida. Quem centraliza toda a sua vida em si mesmo, se descentraliza de Jesus e de sua vocação (Gl 2,20). “*Depois de Cristo, Paulo é único*”<sup>42</sup>.

Na base de uma vocação está o testemunho de vida. Hoje com o advento do celular que caiu no gosto do povo e se tornou popular, somos constantemente observados e filmados. É preciso estar muito atento aos

<sup>37</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelli Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

<sup>38</sup> FRANCISCO, *Laudato Si*, o. c.

<sup>39</sup> FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: Edições CNBB, 2020.

<sup>40</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018.

<sup>41</sup> FRANCO, Walter. *Serra do Luar*, 1981: “Viver é afinar o instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro. A toda hora, a todo momento: de dentro para fora, de fora pra dentro”. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/walter-franco/388644>.

<sup>42</sup> LAGRANGE, Garrigou citado por AZEVEDO, Dom Walmor de Oliveira. *Cristologia Paulina* (28 ago. 2008). Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cristologia-paulina/>. Acesso em: 14 jun. 2023.



gestos, às palavras e às atitudes. Gosto muito daqueles textos que narram a transladação da Arca da Aliança, por Davi. Tudo muito organizado, animado, simbólico, alegre e orante. Davi se empolgou e dançou. A filha de Saul, seu inimigo político, ao ver o rei dançar, desprezou-o em seu coração (1Cr 15,1-29), gravou a cena e compartilhou com os seguidores de suas redes sociais. Davi ficou mal na fita, na tela ou na rede. O mesmo pode acontecer conosco. Todo discernimento ainda é pouco. Deixo aqui o meu último conselho: em matéria de vocação não o mínimo necessário e sim o máximo possível! Como disse em um canto que compus para os seminaristas: “*livre, leve e firme, e com decisão, ouvi seu chamado no meu coração. Livre, leve e firme, e em oração, segui seu caminho em minha missão*”<sup>43</sup>!

E, para concluir, rezemos ao Espírito Santo de Deus para que fortaleça os vocacionados no seu caminho e não deixe faltar à sua Igreja vocações santas e comprometidas com a causa do Reino:

*Vem luz verdadeira, vem eterna vida, vem mistério escondido, vem tesouro inefável, vem alegria perene; vem expectativa dos que serão salvos; vem ressurreição dos mortos; vem força divina de cada coisa completa, muda e transforma; vem, tu que a todo instante nos inspira, a todo instante nos visitas, a todo instante nos torna tua morada; vem Senhor; respiro do Pai e respiro do Filho; vem em nossos corações; transforma-os e torna-os corações de filhos, na expectativa da Palavra de Cristo que tu nos trazes, porque dela tu és eu companheiro inseparável; vem Espírito Santo, acolhe as nossas preces, une-te às nossas preces, realiza a nossa prece<sup>44</sup>. Amém!*

## Referências bibliográficas

BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria*. La percepción de la forma. Madrid: Ediciones Encuentro, 1985.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.

<sup>43</sup> “O Bom Pastor e o Seminarista”, letra de Dom Pedro Brito Guimarães e música do Padre Wallison Rodrigues.

<sup>44</sup> Oração de São Simão, o novo Teólogo, 949-1022, citado pelo Papa Bento XVI. *Audiência Geral*, 16 set. 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20090916.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090916.html).



BENTO XVI. São Simão, o novo Teólogo. *Audiência Geral*, 16 set. 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20090916.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090916.html).

BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2011.

BOFF, Leonardo. “*A beleza salvará o mundo*”: Dostoiewski nos ensina como. 27 abr. 2014. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2014/04/27/a-beleza-salvara-o-mundo-dostoiewski-nos-ensina-como/>.

CANTALAMESSA, Raniero. *Etsi Christus non daretur*. 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-03/cantalamezza-segunda-pregacao-quaresma-perfeita-humanidade-jesus.html>.

CNBB. *Vocação: graça e missão*. Corações ardentes, pés a caminho (Lc 24,32-33). Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2022.

DJAVAN. *Pétala*. 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djavan/11338/>.

DOSTOIESWSKI, Fiódor. *O Idiota*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

FRANCO, Walter. *Serra do Luar*, 1981: “Viver é afinar o instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro. A toda hora, a todo momento: de dentro para fora, de fora pra dentro”. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/walter-franco/388644/>

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Para os jovens e para todo o povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e todas as pessoas de boa vontade. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. *Mensagem na inauguração da Sala de exposição da Biblioteca Apostólica Vaticana*. 5 nov. 2001. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/november/documents/20211105-nuovasala-bibliotecaapostolica.html>.



FRANCISCO. *Mensagem aos Membros da Comunidade Católica Shalom*. 4 set. 2017. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-aos-jovens-evitem-a-doenca-do-espelho-e-saiam-a-alegria-de-deus-70339>.

FORTE, Bruno. *En el umbral de la belleza*. Por una estética teológica. Valencia: Edicep, 2004.

GONZALEZ-RUIZ, José Maria. *Evangelho de São Marcos*, em Comentários à Bíblia Litúrgica, Coimbra: Gráfica de Coimbra.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Amo a minha vocação*. As minhas quarenta sedes vocacionais. Publicação independente, 2018.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Eu também estou doente*. O desejo incontido de ser escutado. Brasília: Edições CNBB, 2022.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Carta Pastoral “O homem com o cântaro de água”*, Palmas, 2021. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br/>.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Por uma grande missão*. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br/>.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Nossas redes se romperam: vamos ao concerto? 27 set. 2021*. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br/>.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Toda vocação é graça sua*, 27 abr. 2019. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br/>.

GUIMARÃES, Pedro Brito. *Vocação Existe!* 19 fev. 2019. Disponível em: <https://dompedrobrito.com.br/>.

HARRINGTON, Daniel J. *O Evangelho Segundo Marcos*. Novo Comentário Bíblico. São Jerônimo. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos, Editores: BROWN, Raymond E.; FIZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2011.

LAGRANGE, Garrigou citado por AZEVEDO, Dom Walmor de Oliveira. *Cristologia Paulina* (28 ago. 2008). Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cristologia-paulina/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (ed.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEITE, Francisco. *Ele está fora de si*. A linguagem popular do Evangelho de Marcos. São Paulo: Recriar.





LINDER, Ph. Van. *Marcos*. Comentário Bíblico, III. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (org.). São Paulo: Loyola, 2012.

MARTINI, Carlo Maria. *Que Beleza salvará o Mundo?* Lisboa: Paulinas, 1999.

NASCIMENTO, Milton. *Maria, Maria*. 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/significado-da-m%c3%basica-Maria-Maria>. Acesso em: 12 set. 2022.

PALAORO, Adroaldo. Seguimento de Jesus, esvaziamento do “ego”. *Reflexão feita para a sexta-feira santa*, Ciclo A, Instituto Humanitas Unisinos, em 8 mar. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 12 set. 2022.

PINHO, Sérgio Miguel Tavares de. “*Que beleza salvará o mundo?*” Leitura teológica da pergunta de Dostoieswki. Tese (Doutorado em Teologia). Faculdade de Teologia, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2013.

RATZINGER, J. *Introduzione al cristianesimo*. Brescia: Queriniana, 2003.

VANHOYE, Albert. *Il pane quotidiano dela parola*. Comento alle letture della Messa, ciclo I e II. Casale Monferrato: Piemme, 1994.